



UnB

IdA Instituto de Artes

Departamento de Desenho Industrial

A posse do objeto

Akemi Kanegusuku
10/0113184

Junho 2016



UnB

IdA Instituto de Artes

Departamento de Desenho Industrial

A posse do objeto

Akemi Kanegusuku

Relatório do projeto *A posse do objeto*,
diplomação em Programação Visual do curso
de Desenho Industrial da Universidade de
Brasília, sob orientação de Rogerio Camara.

Brasília, 2016

RESUMO

A posse do objeto é uma reflexão sobre a relação entre o homem e o objeto de consumo. Ao entrevistar pessoas sobre seus objetos mais especiais, conheci objetos com os mais distintos significados, funções e histórias. Os desdobramentos desta pesquisa e reflexão foram traduzidos em uma série de cartazes, por meio de narrativas construídas em torno do objeto. São abordadas desde questões intimistas, como a construção da autoimagem por meio do material, até temas da esfera coletiva, como o papel do objeto nas relações humanas e na constituição de nosso meio social.

SUMÁRIO

5	1. Introdução
6	2. Justificativa
	2.1 Objetivos
7	3. Referências iniciais
9	4. Revisão teórica
	4.1 Emoção
	4.2 Espaço
	4.3 Indivíduo
	4.4 Autoimagem
	4.5 Sociedade
15	5. Projeto
	5.1 Amostra
	5.2 Pré documentação
	5.3 Questionário
	5.3 Entrevista
	5.5 Documentação fotográfica
	5.6 Análise
	5.7 Funções da posse: o modelo espacial
	5.8 Considerações
21	6. Produto
	6.1 Conteúdo
	6.2 O pôster: texto e imagem
	6.3 Soluções gráficas
29	7. Conclusão
30	Referências bibliográficas
31	Anexos
	Termo de compromisso
	Questionário
	Entrevistas e fotografias
	Fotografias não selecionadas

1. INTRODUÇÃO

A realização deste projeto objetiva uma reflexão sobre hábitos da vida urbana, desenvolvendo-se uma análise sobre a relação entre o homem e objetos de consumo.

Propõe-se documentar e pesquisar aspectos das atividades humanas condicionadas à objetos de consumo, e qual papel tais objetos desempenham na construção da autoimagem, nas relações humanas e na própria constituição de nosso meio social.

A análise da posse material será realizada tanto pelo ponto de vista sensível quanto utilitário, de modo a contemplar questões afetivas, simbólicas e sociais. A partir dos resultados da pesquisa e dos desdobramentos do projeto, foram concebidos cartazes que traduzissem estas relações e narrativas.

2. JUSTIFICATIVA

Uma série de movimentos em voga hoje questionam o consumo, sobretudo a tendência desenfreada e compulsiva de consumir. Aplicados ao contexto do design, é necessário questionar o papel do profissional nesse ciclo de responsabilidade social, e os valores que devem permear a prática do design.

Essa discussão não é recente nem inédita. Milton Glaser, no painel *Designism: Instigating Social Change*, série de palestras promovida pelo Art Directors Club em 2006, afirma que “Designers têm a oportunidade única de exercer diferentes papéis dentro da lógica de produção, diferentemente do público geral, que não tem acesso aos processos e meios de produção da indústria”, e portanto têm mais responsabilidades. O fórum teve foco no papel e responsabilidade dos profissionais da área criativa para instigar mudanças sociais. O design muitas vezes é ferramenta para a promoção do consumo indiscriminado, e responsável por tornar o sistema de obsolescência programada cada vez mais eficiente.

Embora essa discussão seja relevante, torna-se incompleta quando falha em reconhecer fatores mais profundos da relação humana com o objeto, anteriores à própria concepção material de um produto. Especialmente na contemporaneidade, os motivos do fascínio pelo material são pouco explorados. Em uma tentativa de entender tal fenômeno, torna-se necessário dar um passo atrás e questionar a própria existência do homem por meio do objeto. Com esse enfoque definido, foi possível elaborar os objetivos deste projeto.

2.1 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Documentação e reflexão sobre os hábitos da vida urbana com foco na relação entre o indivíduo e o objeto de consumo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Dissecar aspectos da rotina condicionados a objetos de consumo, além do ponto de vista utilitário.
- II. Analisar as motivações e efeitos da cultura da posse material sob a perspectiva individual e coletiva.
- III. Contemplar as questões afetivas, simbólicas e as funções sociais associadas às atividades, sobretudo acerca do papel que o objeto de consumo desempenha na construção da autoimagem e na mediação das relações humanas.
- IV. Identificar padrões e particularidades entre as diversas vivências por meio do objeto de consumo e como observar como essas diferentes realidades são expressas.

3. REFERÊNCIAS INICIAIS

Parti em busca de referências de trabalhos que abordassem a questão do objeto de consumo e do materialismo das mais variadas perspectivas. Os artistas do Movimento Fluxus, por exemplo, trabalhavam com a descontextualização de objetos de consumo, e exploravam a aleatoriedade e recombinação de objetos cotidianos como forma expressão artística.

Os Fluxkits promoviam experiências e interações por meio da montagem e recombinação de objetos do dia-a-dia, que adquiriram uma caráter artístico simplesmente devido à essas recontextualizações e justaposições.



FIG 1. *The Gilbert and Lila Silverman Fluxus Collection Archives* por George Maciunas, Jon Hendricks e Gilbert Silverman, 1952-1977.

Nelson Leirner, artista brasileiro, promove outro exemplo de discurso em cima de objetos cotidianos. Em suas obras, Leirner transcende o *kitsch* e trabalha a repetição de materiais populares à exaustão como mídia e mensagem para suas composições. Em entrevista ao Itaú Cultural, discorre sobre esse ponto:

“Cada objeto desses encarna uma imagem desgastada pela repetição infinita de signos exauridos, [...] provas do nosso impulso de efetuar simbolizações. [...] lado a lado, sem estabelecer hierarquia entre eles, sem criar distinção entre os mitos religiosos e pagãos, as fantasias infantis, os seres provenientes dos reinos animal, vegetal e mineral – todos como lídimos representantes de nós mesmos”¹



FIG 2. *Missa Móvel* por Nelson Leirner, 2008. Objetos de madeira, plástico, borracha e porcelana.

¹ O olhar atento de Nelson Leirner. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/materiacontinuum/o-olhar-atento-de-nelson-leirner/> (última visita: 19/06/2016)

Dois projetos fotográficos foram importantes como referência. À suas maneiras, ambos abordam questões sobre o objeto e o materialismo. *All I Own*, por Sannah Kvist, é uma série fotográfica que retrata jovens suecos da geração de 80 em suas casas, ao lado de todos os seus pertences. Essa geração em especial foi a primeira a crescer em meio a condições piores que do que a geração que a antecede. A depressão econômica acabou por afetar radicalmente a forma de consumir desses jovens, que têm muita dificuldade de manter seus contratos de locação e necessitam se mudar constantemente.



FIG 3. *All I Own* por Sannah Kvist, 2009.



Collections, por Jim Golden, retrata coleções individuais e coletivas. Quando abordado por um amigo, ávido colecionador de tesouras interessado em retratar sua coleção, deu-se início à série. Golden retratou cada objeto individualmente, mas obteve resultados pouco satisfatórios. Nenhuma tesoura despertava interesse por ela mesma, somente no contexto da coleção completa pôde-se notar as sutis variações entre elas. A série cresceu com coleções de cadeados, câmeras, garrafas e ferramentas. Em algumas obras, a saturação de objetos promove reflexões no âmbito do consumo, como o fenômeno da obsolescência programada e sobre transtornos de compulsão por acumular.



FIG 4. *Collections* por Jim Golden, 2008.

4. REVISÃO TEÓRICA

Iniciei a busca por estudos no design que abordassem a relação do indivíduo com o objeto, um tema bastante amplo e um pouco vago. Esse início de pesquisa muitas vezes atingia questões relacionadas ao uso e funcionalidade dos objetos, ou aspectos históricos e projetuais somente, o que não contemplaria satisfatoriamente todos os objetivos desse projeto. As motivações anteriores à própria concepção do objeto eram o ponto chave da pesquisa, por isso seria necessário entender a relação do indivíduo com o material do ponto de vista fenomenológico.

Dentro do campo do design emocional, foi possível encontrar algumas referências decisivas para esse projeto. Em *Design Emocional*, Norman aborda a emoção sob a perspectiva do design como forma de promover experiências e sensações no usuário.

4.1 EMOÇÃO

Norman sugere que nossas reações aos estímulos externos são resultados do processamento das informações em três diferentes níveis cognitivos: o nível visceral, comportamental e reflexivo.

Enquanto os níveis visceral (o espontâneo e automático, aquele que julga rapidamente o que é seguro ou perigoso) e comportamental (relativo aos processos cerebrais que controlam ações mecânicas, como dirigir) se manifestam no tempo presente, envolvendo os sentimentos que acontecem no ato de se ver e usar um produto, o nível reflexivo se estende por muito mais tempo e envolve sentimentos como o orgulho ou constrangimento de ter, exibir, ou usar um produto.

A partir dessa concepção, Norman propõe uma tradução dessa visão das emoções para o universo do design, e apresenta o que chama de “três níveis do design”. O trecho a seguir discorre sobre o conceito de níveis de estruturas cognitivas traduzidos para os denominados níveis do design.

“O design visceral diz respeito aos aspectos físicos e ao primeiro impacto causado por um produto. O design comportamental diz respeito ao uso sob o ponto de vista objetivo e refere-se à função que o produto desempenha, à eficácia com que cumpre sua função, à facilidade com que o usuário o compreende e o opera e demais aspectos relacionados ao modo como o produto “se comporta” junto ao usuário. O design reflexivo diz respeito ao uso sob o ponto de vista subjetivo e abrange as particularidades culturais e individuais, memória afetiva e os significados atribuídos aos produtos e a seu uso, entre outros aspectos da ordem do intangível.”²

Era preciso entender o que o design visceral contempla e estudar seus efeitos nas relações entre o indivíduo e seus objetos. No subcapítulo *Objetos que evocam lembranças*, Norman discorre sobre ato de atribuir sentimentos a objetos. Dá-se como exemplo um souvenir réplica da Torre Eiffel, pouco bonito, nada raro, de baixa qualidade, considerado kitsch ou de mau gosto. No entanto, milhares de souvenirs como aquele são vendidos por dia, sobretudo com a premissa de que seriam “de valor sentimental”. Atribuir

² NORMAN, Donald. *Design Emocional*. Rocco. Rio de Janeiro, 2008. p. 19.

sentimento implica atribuir valor, e fazê-lo indica satisfazer uma necessidade básica. A necessidade realizada é a de atribuir uma lembrança a um símbolo, ao objeto.

“O souvenir réplica da Torre Eiffel não tem nenhuma pretensão de ser arte — eles são auxílios para a memória.”³

Ao concluir o tema, Norman cita o livro *The Meaning of Things*, por Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton, publicado em 1981 e sem tradução para o português, leitura decisiva para a pesquisa. O livro em questão relata uma pesquisa conduzida nos Estados Unidos nos anos 80 que se propõe a traçar um perfil de hábitos da sociedade americana.

Os autores entrevistaram uma amostra representativa da tradicional família americana da época, de classe média, e composta de três gerações. As entrevistas tinham como objetivo compreender o relacionamento das pessoas com os objetos que as cercavam. Foi pedido que cada pessoa mostrasse algo que consideravam especiais e depois, nas amplas entrevistas, explorou-se os fatores que os tornavam especiais. Esse modelo foi o ponto de partida para a pesquisa que realizei posteriormente.

4.2 ESPAÇO

No início desse projeto, passei a observar meus próprios hábitos, bem como os de pessoas próximas, com o objetivo de listar todas as ações realizadas com objetos, enumerar o volume de objetos usados e de que forma teriam sido usados. Caso os resultados compreendidos fossem úteis, esse experimento poderia tornar-se um protótipo válido para uma pesquisa futura.

Entretanto, essa observação provou-se ineficaz pela dificuldade em registrar com minúcia a quantidade de objetos e detalhes envolvidos, o que me levou a questionar a relevância dessas informações.

Esse experimento inicial teve como único resultado positivo a conscientização sobre a necessidade de delimitar um foco e adotar uma metodologia de pesquisa a fim de filtrar o volume absurdo de informação, uma vez que vivemos em uma realidade saturada de objetos e lidamos com milhares deles diariamente.

Estima-se que haja cerca de 30 mil objetos imediatamente discerníveis para um adulto, número extraído da contagem dos substantivos concretos em um dicionário.⁴ Desses cerca de 30 mil objetos, quais seriam simbólicos e que papéis desempenhariam na vida das pessoas? Quais seriam alvo de afeto e quais seriam meramente funcionais? Essas perguntas só poderiam ser respondidas uma vez que o contexto em que cada objeto está inserido fosse compreendido e que a relação com o indivíduo que os detém fosse analisada caso a caso.

Em *The meaning of things*, Csikszentmihalyi e Halton restringem a sua pesquisa, e conseqüentemente a análise dos objetos, àqueles contidos no lar, ou de uso privado, ao afirmarem que o lar é o reduto da maioria dos objetos considerados especiais. Os objetos contidos no lar são cuidadosamente selecionados e escolhidos para ter-se sempre à mão, e são eles que asseguram constância na vida pessoal, ao constituírem a identidade de quem as detêm. Não se tem controle sobre as coisas que pode-se encontrar fora de casa, diferentemente dos objetos contidos no lar, que são minuciosamente escolhidos. Tais objetos poderiam ser facilmente descartados, uma vez que passem a criar conflitos

³ NORMAN, Donald. *Design Emocional*. Rocco. Rio de Janeiro, 2008. p. 46.

⁴ PETROSKI, Henry. *A evolução das coisas úteis*. Zahar. Rio de Janeiro, 2007

internos indesejados. Dessa forma, os objetos contidos no lar constituem uma ecologia de signos que refletem e moldam a forma de seu dono.⁵

Razões semelhantes guiam a abordagem de Bachelard acerca da configuração espacial do lar e dos objetos contidos nele. Em *A poética do espaço*, discorre sobre o lar como o maior reduto de integração de pensamentos, lembranças e sonhos. Ao elaborar uma metáfora que compara a relação do indivíduo com o lar ao do recém nascido com o primeiro berço, Bachelard reafirma o papel do lar como abrigo do ser, literal e figurativo, reduto de valores particulares e integrador do presente, passado e futuro, conjunto que dá coesão ao indivíduo.

“ [...] a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É primeiro mundo do ser humano. Antes de ser "atirado ao mundo", o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa.”⁶

O posicionamento de Bachelard e Csikszentmihalyi e Halton se provou verdadeiro nos resultados da minha pesquisa, que serão abordados mais a frente neste relatório. A grande maioria dos objetos analisados são mantidos no lar e delegados ao uso privado, salvo algumas exceções.

4.3 INDIVÍDUO

Dentro e fora do contexto doméstico, o indivíduo age sobre os objetos que detêm. Ainda que não se tenha controle sobre as coisas que pode-se encontrar fora de casa, o que é contido no lar passa pela curadoria do indivíduo, que, à sua maneira, escolhe cercar-se de objetos das mais variadas funções: complementares, desconexas, antagônicas, sobrepostas.

Em *O sistema dos objetos*, Baudrillard denomina o indivíduo inserido nessa lógica de homem do arranjo⁷. O arranjo nada mais é do que o conjunto ou a soma dos conjuntos desses objetos dispostos no ambiente cotidiano. Dentro desse sistema, paira uma multiplicidade de objetos desassociados de suas respectivas funções, e é o homem do arranjo que lhes empresta sentido, na medida de suas necessidades:

“O 'homem do arranjo' nem é proprietário nem simplesmente usuário e sim um informante ativo da ambiência. [...] através do controle do espaço detém todas as possibilidades de relações recíprocas e portanto a totalidade dos papéis que os objetos podem assumir. O homem do arranjo não “consome” seus objetos. Ele os domina, os controla, os ordena. Encontra-se dentro da manipulação e do equilíbrio tático de um sistema.”⁸

⁵ CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. HALTON, Eugene. *The Meaning of Things*. Cambridge University Press. Cambridge, 1981. p. 53 (tradução do autor).

⁶ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Martins Fontes. São Paulo. Segunda edição, 2008. p. 34

⁷ BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Perspectiva. São Paulo. Quinta Edição, 2015

⁸ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Martins Fontes. São Paulo. Segunda edição, 2008 p. 51

4.4 AUTOIMAGEM

A construção da autoimagem ocorre enquanto o indivíduo se toma como objeto de reflexão e atribui significado a si mesmo, a medida que se relaciona com os outros e com o ambiente no qual se insere. Dessa forma, até mesmo a autoimagem é inferencial e indireta.

Quando refletimos sobre “quem sou eu?”, acessamos certos fragmentos de informação ou signos que representam o “eu”, e esses signos se tornam objetos de interpretação. Não seria possível acessar todos os sentimentos, memórias e ideais que constituem o que somos; em vez disso, usamos representações que correspondem a uma vasta gama de experiências que constituem e moldam o ser e que permitem inferir o que o objeto da autoimagem é.

The meaning of things dedica grande parte de seu conteúdo a investigar questões relacionadas a autoimagem e expressão pessoal mediadas pelo objeto. Tomando como exemplo uma situação trivial, pode-se começar a pensar o objeto como símbolo e agente de transformação:

“Sentir-se sofisticado ao usar uma jóia, bem como sentir-se livre dirigindo um carro, são experiências comuns. Sem dúvida, objetos modificam nossa autoimagem e promovem funções criativas e reflexivas. Provavelmente todas as pessoas usam objetos simbólicos para expressar concepções sobre si mesmas, servindo de modelo para ações futuras.”⁹

As coisas que nos rodeiam são inseparáveis de quem somos. Objetos não são somente ferramentas passíveis de uso e descarte conforme nossa conveniência; eles constituem a estrutura na qual é possível moldar nossos eus disformes. A configuração do lar é a construção metafórica do berço, organizada em nossos ambientes particulares, que serve ao propósito de unir fragmentos da concepção que temos de nós mesmos, expressar e validar quem somos.

4.5 SOCIEDADE

Seja uma jóia, um carro, ou mesmo algum objeto desprovido de valor aparente, quando uma coisa “significa algo” para alguém, interpreta-se de acordo com as experiências e hábitos passados. As emoções que objetos evocam são fruto de interpretações ou inferências, e espelham a conduta de quem as detêm. O design emocional entende o processamento de informações no nível reflexivo, ou seja, aquele que se estende e acessa noções de passado e futuro, como complexo e humano. Csikszentmihalyi e Halton colocam essa capacidade adquirida de compreender sentimentos e ações fora de situações imediatas, ou seja, a abstração, como determinante para a evolução da sociedade:

[...] Pela capacidade de abstrair-se das condições imediatas do ambiente em que se insere, o homem pode lidar com conceitos abstratos, e portanto, até certo ponto, conquistar o controle do ambiente. [...] A medida em que a humanidade passa a atribuir significado às coisas, os próprios símbolos contribuíram para a evolução de seres humanos capazes de contemplar e refletir acerca do ambiente, afim de adaptar ou modificar suas condutas em um nível

⁹ CSIKSZENTMIHALY, Mihaly. HALTON, Eugene. *The Meaning of Things*. Cambridge University Press. Cambridge, 1981. p. 104. (tradução do autor)

incomparável à de outras espécies. [...] O contexto antes meramente espacial e temporal tornou-se cultural, e revelou ao homem seu próprio passado — a acumulação de experiência e sabedoria de seus ancestrais, suas motivações e objetivos futuros — aumentando as possibilidades da espécie.¹⁰

Ao compreender a cultura do material como um dos fatores determinantes para a organização da sociedade como a conhecemos, os objetos são claros indicadores de como a humanidade vem evoluindo e opera atualmente.

No princípio da sociedade, o poder — qualidade daquele capaz de subjugar outros indivíduos e melhor controlar as condições vigentes — era compreendido por força e destreza física. Nesse contexto, em termos de objeto, o poder poderia manifestar-se por meio da lança mais afiada e da maior tocha de fogo, por exemplo. Mantendo essa analogia, hoje podemos atestar que o conceito de poder modificou-se e pode ser compreendido não só mais como força ou destreza, mas também como status, qualidade de quem detém respeito, consideração e é alvo de inspiração ou cobiça alheia.

STATUS

Uma pessoa com status define padrões e normas às quais outros indivíduos são submetidos. Da mesma forma, um objeto de status age como a materialização desse poder ao coagir aqueles inseridos nesse contexto a agir de acordo com os desejos de quem o detém. Um carro luxuoso, por exemplo, transmite àqueles que acreditam no status que seu dono possui qualidades distintas e superiores, acima dos demais.

The meaning of things aborda a questão de objetos de status ao contextualizar duas faces da mesma construção em paralelo:

“Seria difícil imaginar um rei sem uma coroa ou um juiz sem um martelo. Tais objetos são elementos essenciais aos papéis de rei e de juiz. A autoridade dessas posições são investidas a ambos por meio dos símbolos da coroa e do martelo.[...] os ideais de autoridade são dados ao rei e ao juiz, isto é, ambos demandam a atenção e exercem suas respectivas tarefas por meio dos objetos. [...] Até mesmo objetos de arte podem desempenhar essa função de segregação: a simples presença e a posse de obras de arte provém um espelho permanente para a superioridade no qual classes abastadas podem contemplar o que acreditam ser sua própria excelência.”¹¹

Ambos exemplificam diferentes formas do exercício do poder por meio do objeto. A primeira trata-se da institucionalização do poder contida no objeto: a coroa e o martelo materializam os valores tradicionais de nobreza e justiça, e o poder é investido àqueles dignos de portá-los. Já o objeto de arte opera em outra frequência: seu valor é atribuído pela raridade, distinção e preço, e serve ao propósito de elemento de integração e pertencimento à classe dominante para aquele que o detém.

ESTILO DE VIDA

Pode-se sugerir que signos e símbolos cotidianos referem-se somente a objetos como crucifixos, troféus, diplomas ou alianças, cujas principais funções sejam a de representar ideias como religião, conquistas ou relacionamentos. Uma aliança, quando usada, é

¹⁰ *Ibid* p. 104.

¹¹ *Ibid* p. 68.

um signo de ligação, assim como um troféu revela uma vitória e o orgulho de quem o exhibe.

Csikszentmihalyi e Halton, em *The Meaning of Things*, discorrem sobre a função simbólica de objetos utilitários, como televisões ou móveis. Como e porque esses objetos entrariam na categoria de signos? Em sua perspectiva, objetos como esses podem oferecer tantos significados como um crucifixo ou um troféu. Televisões certamente têm uma relevância utilitária, embora uma pessoa possa viver sem ela. Entretanto, a utilidade de uma televisão deriva de sua função como meio de entretenimento e informação, e que na cultura vigente, uma pessoa passa por volta de quatro horas assistindo à programação.

Os autores observam que até o uso de coisas para meros fins utilitários opera dentro do simbolismo cultural: os objetos mais “utilitários” da casa, como água corrente, vasos sanitários e aparelhos elétricos haviam sido introduzidos ao uso geral há não mais do que 150 anos com o avanço da tecnologia — todos considerados luxos quando introduzidos. Dessa forma, torna-se extremamente difícil desassociar suas funções do significado simbólico dos objetos mais utilitários. Até mesmo coisas puramente funcionais servem ao propósito de socializar seus usuários para determinado hábito ou estilo de vida e são, portanto, símbolos representativos desse estilo de vida.

5. PROJETO

Optei por realizar minha pesquisa baseada na metodologia do trabalho de Csikszentmihalyi e Halton, que se provou bastante eficaz e obteve qualidade nas respostas. Fiz uma série de adaptações anteriores e ao longo da pesquisa a fim de adequar a metodologia original ao escopo e propósito deste projeto.

5.1 AMOSTRA

A amostragem incluiu inicialmente participantes voluntárias de vinte a trinta anos, restrita a pessoas do gênero feminino. Essa decisão, posteriormente revogada, foi tomada inicialmente como maneira de promover um recorte ainda mais homogêneo à amostra, a fim de orientar a análise para a procura de um denominador comum entre as entrevistadas.

Posteriormente, conforme as entrevistas aconteceram, obtive resultados muito semelhantes como o previsto, mas concluí que esta pesquisa se beneficiaria de mais variedade ao abranger uma amostra mais ampla. Dessa forma, abri a pesquisa para todos os gêneros e idades, o que modificou o perfil da amostragem para participantes entre vinte e sessenta anos.

5.2 PRÉ DOCUMENTAÇÃO

Junto aos voluntários e preliminarmente às entrevistas, o projeto foi brevemente explicado e foi obtido o consentimento formal e individual de todos na participação da pesquisa.

A descrição do projeto precisava ser sintética, visando o não direcionamento dos voluntários, e de maneira a encorajar a espontaneidade e autenticidade das contribuições. É fundamental que os entrevistados relatem suas reflexões e interpretações particulares e que atribuam seus valores pessoais aos objetos analisados. Para tal, a única condição para que o objeto seja documentado é sua qualidade de item especial.¹²



FIG 5. Convite virtual para a entrevista enviado aos potenciais participantes da pesquisa. Lê-se:

"cada objeto que possuímos tem uma história, uma trajetória e um papel dentro de nossas vidas. quero entender as relações com os objetos especiais que nos rodeiam.

sejam simbólicos ou utilitários, construímos nossas próprias narrativas por meio de objetos, que agem como ferramentas de expressão pessoal e mediam nossas relações no ambiente em que nos inserimos.

que objetos são especiais pra você?

me fale um pouco sobre eles, mas não se atenha a definições. objetos podem ser especiais¹ em qualquer sentido e por qualquer motivo (ou até mesmo sem nenhum motivo particular)."

¹² especial; usado no amplo sentido da palavra: signifiante, valioso, útil, único, distinto, particular, excepcional, individual, específico. O uso da palavra "especial" é vago o suficiente para encorajar interpretações pessoais.

A pesquisa demandou certo tempo, iniciativa na seleção dos objetos e o deslocamento por parte dos entrevistados, o que contribuiu para a adesão limitada de dez participantes. Para o propósito deste projeto, entretanto, o número de entrevistados e a quantidade de objetos analisados foi muito satisfatória.

Um termo de compromisso foi elaborado por minha parte, nele estão listados todos os compromissos éticos que assumi com os participantes desta pesquisa. Uma cópia do termo de compromisso pode ser lida na seção de Anexos deste relatório.

5.3 QUESTIONÁRIO

Objetivou-se com a realização do questionário a obtenção de dados específicos e quantitativos sobre os entrevistados, como forma de dar respaldo às determinações da amostra estabelecida e obter mais informações sobre o panorama demográfico dos entrevistados.

As questões aplicadas deveriam obter dados como idade, gênero, escolaridade e renda, bem como hábitos de lazer e hábitos não específicos (como a manutenção de um *hobby* ou coleção) dos participantes. O questionário foi inicialmente aplicado antes das primeiras entrevistas. Constatei que essa etapa deixava os participantes tensos para a entrevista posterior e tomava uma quantidade de tempo desproporcional ao retorno dado.

Concluí que um questionário quantitativo aplicado para o número bastante reduzido de participantes não traria resultados conclusivos ou tão relevantes, portanto essa etapa foi suprimida. Notei uma melhora imediata na naturalidade e fluidez das entrevistas feitas sem o questionário. O questionário pode ser visto na seção de Anexos deste relatório.

5.4 ENTREVISTA

A entrevista pessoal foi conduzida individualmente e teve como objetivo obter depoimentos e impressões espontâneos sobre os objetos analisados. Por razões práticas, as entrevistas foram conduzidas no espaço da Universidade e na casa da pesquisadora. Os participantes trouxeram os objetos previamente selecionados para a ocasião das entrevistas. As questões são em sua maioria subjetivas e buscam promover reflexões nos participantes, portanto uma abordagem humanizada e pessoal foi mais adequada à finalidade dessa entrevista.

O caráter das entrevistas é bastante pessoal e demandou em média meia hora de cada participante, dependendo do número de objetos exibidos. Todas as entrevistas foram registradas por gravação de áudio e suas posteriores e transcrições. As respostas referentes a cada objeto foram transcritas para as fichas de Questionário de classificações de objeto e podem ser lidas na seção de Anexos deste relatório.

5.5 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Todos os objetos selecionados pelos entrevistados foram fotografados individualmente como forma de registro (no caso de coleções, considere o conjunto). As fotos foram realizadas em estúdio, com iluminação controlada e em fundo branco. A retirada do objeto do contexto e a neutralidade do tratamento visou preservar o anonimato dos participantes e manter a unidade da série. As fotografias produzidas podem ser vistas na seção de Anexos deste relatório.



FIG 6. Algumas das fotografias produzidas.

5.5 ANÁLISE

Ao encerrar as entrevistas, me vi com cerca de trinta objetos com as mais variadas formas, funções e histórias. Havia muitas categorias que definiam que tipo de objeto se tratava baseado em função; formas de aquisição; categorias de significado, uma lista extensa de significados atribuídos ao objeto; além de todas as fotografias e das perguntas discursivas, cujas gravações integrais somadas duravam horas.

Tinha em mãos muito mais objetos do que conseguiria catalogar, analisar e apurar, e não havia chegado em nenhuma conclusão. As inúmeras categorizações propostas pela metodologia de pesquisa original eram bastante detalhistas e só faziam sentido para apurar o os resultados de uma pesquisa com aquelas dimensões.

Para os fins da minha pesquisa, desenvolvi uma maneira de condensar todas aquelas categorizações minuciosas em oito classes de significado, o que tornaria a apuração muito mais eficiente e adequada ao volume de objetos recebidos.

A classificação por significado depende estritamente do envolvimento pessoal do dono com o artefato. A fim de atribuir significado à coisa, quem o detém deve investir atenção e manter um relacionamento simbólico com o objeto. Inclui-se significados relacionados a pessoas e si mesmo, bem como motivações ligadas a memórias e experiências, a ação e contemplação, passado e futuro.

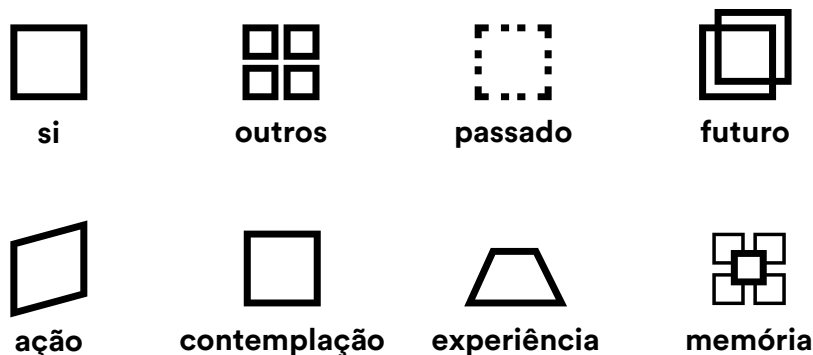


FIG 7. Esquematisação das oito funções da posse.

1. SI

Significados relativos a vínculos pessoais, conquistas e realizações, personificação e valores pessoais.

2. OUTROS

Família, amigos, relacionamentos afetivos e de trabalho, conhecidos, figuras públicas ou *role models*.

3. PASSADO

Souvenirs e heranças.

4. FUTURO

Materialização de ideais futuros, sonhos, desejos e aspirações.

5. AÇÃO

Utilidade, interação, uso.

6. CONTEMPLAÇÃO

Coleção, reflexão.

7. EXPERIÊNCIA

Diversão, hábitos, catarse.

8. MEMÓRIA

Memória específica e lembrança vaga.

Na análise de um objeto, pode haver sobreposição de múltiplas classes materiais e simbólicas, visto que o mesmo objeto pode simbolizar diferentes valores em diferentes períodos da vida de seu dono. Da mesma forma, valores e usos também são mutáveis, o que possibilita a multiplicidade de significados contidos em um objeto.

5.7 FUNÇÕES DA POSSE: O MODELO ESPACIAL

Dicotomias foram observadas naturalmente entre funções antagônicas listadas anteriormente: é o caso das funções relativas a pessoas e ao tempo. Se um objeto remete a si, é certo que também não remete a outras pessoas e vice versa; se o objeto remete ao passado, é pouco provável que seja igualmente ligado ao futuro. A polarização desses conceitos inspirou o desenvolvimento de um modelo espacial das funções da posse. Dispostos em um plano cartesiano, as funções são imediatamente opostas a seus contrapontos.

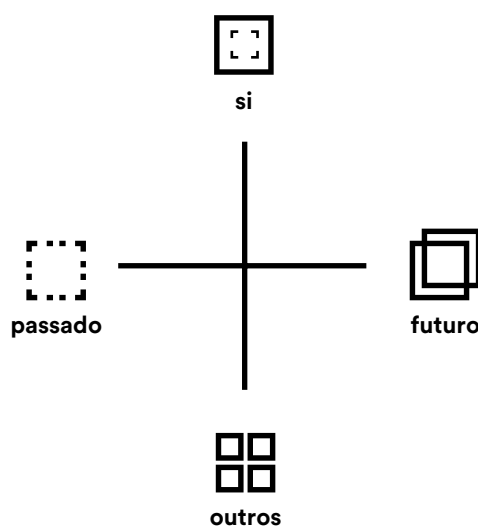


FIG 8. Funções dicotômicas no plano cartesiano

As outras funções encontradas representam conceitos complementares ou até mesmo afastados, mas não propriamente antagônicos. Tendem a contemplar um espectro de significados ou sendo por vezes mutáveis, diferentemente das dicotomias anteriores.



FIG 9. Funções não dicotômicas

Por fim, nessa representação espacial, objetos podem ser situados quanto aos seus respectivos significados. Enquanto relativamente fixos no plano cartesiano das dicotomias si-outros e passado-presente, podem transitar e fluir entre as outras funções:

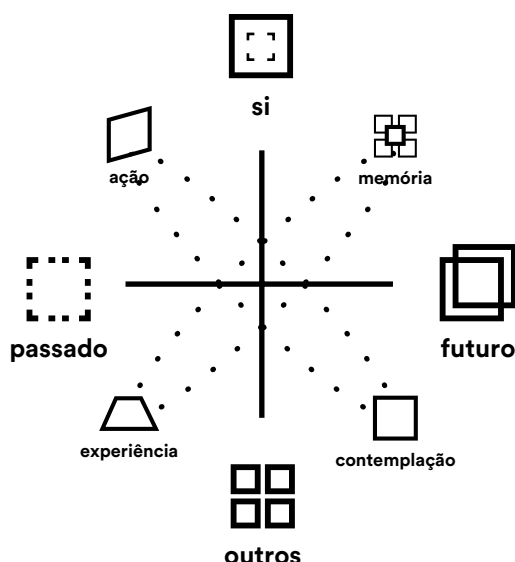


FIG 10. Modelo de funções da posse completo

5.8 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS

Nas observações preliminares da minha pesquisa, todos os objetos analisados caíram em duas classes: a primeira, de objetos mantidos no lar por serem destinados ao uso privado. Por uso, inclui-se não só funcionalidade ou experiência, mas também a contemplação (como o caso dos que configuram-se como coleção). Essa categoria conta com a segurança e a discrição proporcionadas pelo lar e é sintomática das constatações anteriores de Bachelard e Csikszentmihalyi e Halton.

O segundo grupo é muito menos expressivo em número e contempla objetos tão inseparáveis de seus donos que agem como verdadeiras extensões do corpo. Esses objetos são predominantemente funcionais (suas funções eram inerentes ao uso) e adquiriram valor através de experiências passadas ou por ideais e projeções futuras.

Como era esperado, a grande maioria dos objetos analisados diz respeito a **8. MEMÓRIA** e **2. OUTROS**. Dos resultados ligados a memória, os mais comuns são os associados com lugares, intervalos de tempo vagos (infância, estações, anos) e lembranças pontuais (datas, viagens):

"Eu gosto da temática da natureza, remete à minha **infância** no interior. Sempre tive contato com a natureza e com os animais. É minha forma de me reconectar com as minhas origens."

Geralmente, se tratando de **2. OUTROS**, as ocorrências mais comuns são as no âmbito da família, remetendo a avós e mães, logo em seguida a filhos, amigos e ex parceiros(as). A função **6. CONTEMPLAÇÃO** sobrepõe-se à maioria desses casos:

"Isso faz quase uns trinta anos, meu **filho** ainda era bebê. Era um tipo de objeto que estava em muito uso como decoração, na moda; eu tinha muitas **amigas** mineiras que traziam esse tipo de coisa."

"[...] **a gente** era bem próximo na época, mas agora não nos falamos mais [...] confesso que algumas vezes **olho** pra ela [objeto] e me **lembro** do tempo que passamos juntos, das coisas que compartilhamos."

Objetos ligados a **1. SI** são sempre associados com Estilo, Vínculo Pessoal ou Materialização de ideais e quase sempre são feitos ou comprados, raramente adquiridos como presentes. Isso indica uma tendência a constante a diferenciação, seja pelo cultivo de identidade distinta ou pela integração a um grupo por si só diferenciado:

"[...] ele [objeto] remete a **mim** mesmo, porque ele está relacionado a uma descoberta, uma melhora na autoestima, um tempo em que pude melhorá-la. Me lembra de uma fase em que eu me sentia mais livre pra tomar decisões sobre meu corpo e me apresentar como eu **sou**. A estética desse [objeto] foi uma mudança radical pras coisas que eu costumava usar."

Livros e esculturas/ornamentos (ou objetos tratados como tal) são com folga os tipos de objetos especiais mais comuns, seguido de cerâmicas e fotografias, o que reforça a valorização da qualidade contemplativa dos objetos por parte dos participantes. Essa tendência também surge na situação oposta: objetos relativos a ação e de caráter utilitário (como roupas ou eletrônicos) não foram muito citados, ainda que promovessem experiências especiais. Quando questionados, os participantes afirmam que a trivialidade dessas ações diminui o caráter reflexivo dos objetos.

Poucos objetos analisados se relacionam com **4. FUTURO**, e nas poucas ocasiões em que apareceram, os participantes ainda se questionavam se tais objetos satisfaziam seus critérios para considerá-los especiais. Ainda que tais objetos representem metas e objetivos futuros, estes ainda não foram alcançados, e só passariam ser "de fato especiais" quando fossem concretizados, tornando-se troféus de conquistas e realizações.

6. PRODUTO

6.1 CONTEÚDO

No final da minha pesquisa, havia acumulado uma grande quantidade de conteúdo entre fotografias, entrevistas (em forma de áudio e texto), e questionários. Havia também elaborado o modelo espacial das funções da posse, que me ajudou bastante a filtrar o material a ser exibido.

Queria compartilhar as imagens e as histórias de maneira intimista, e tinha como preocupação captar e transmitir a atmosfera da posse, mas que a ligação emocional entre o objeto e o dono se desse através de uma estrutura narrativa poética que traduzisse suas conexões e associações com o ambiente e a sociedade, e a reciprocidade da posse em detrimento de uma narrativa concreta e linear.

Escolhi a exposição como forma de compartilhar essa atmosfera, por ser um artifício que me permitiria explorar o caráter espacial e dinâmico do projeto, sobretudo por ser um produto de memória coletiva.

Uma vez definido que faria uma exposição, passei a buscar referências de instalações. Todos os trabalhos que se assemelhavam de alguma forma com a minha intenção lidavam somente com o objeto isolado ou com texto e imagem, sem o objeto. Em termos práticos, nem todos os participantes da pesquisa se sentiriam confortáveis em ceder seus objetos temporariamente para a exposição; alguns questionaram se a exibição dos objetos como são de alguma forma poderia comprometer a anonimidade das entrevistas.

Pensando em uma solução favorável para todas essas questões, listei todos os tipos de conteúdo que tinha em mãos.

DA QUANTIDADE DE OBJETOS

Pude entrevistar os participantes sobre cerca de 30 objetos. Como indicado nas Considerações sobre os resultados, havia um grande número de objetos cuja principal função era relativa a **8. MEMÓRIA** e **2. OUTROS**, além de várias ocorrências repetidas em outras categorias. Decidi então fazer um recorte desses resultados e eleger somente um objeto para cada significado, eliminando tantos objetos com funções redundantes.

Ao optar por lidar com oito objetos, a quantidade de conteúdo com a qual passei a trabalhar foi redimensionada e possibilitou que eu tratasse de forma qualitativa e adequada todas as informações.

HISTÓRIAS

As histórias que ouvi sobre cada objeto foram um dos pontos decisivos para a escolha do suporte. As transcrições das entrevistas, muito complexas e ricas, narram com detalhes todas as conexões e associações contidas nos objetos. Optei por usar o texto das entrevistas, e não os áudios, pela questão da anonimidade.

FOTOGRAFIAS

Fotografei cada objeto individualmente durante a ocasião ou posteriormente às entrevistas. Sem grandes pretensões iniciais, foram soluções usadas durante o projeto como uma forma prática de registro e catalogação, que me possibilitasse ter acesso rápido e fácil às características físicas dos objetos e tornasse a categorização por tipo mais eficiente.

Uma precaução inicial que tomei foi a de fazer as fotos funcionarem como série, caso eu viesse a usá-las no produto final. Como fotografei todos os objetos com iluminação

de estúdio e em fundo branco, com o tratamento mais neutro possível, decidi usá-las no lugar dos objetos, o que solucionava a forma de como exibí-las.

6.2 O PÔSTER: TEXTO E IMAGEM

Com a transcrição integral de todas as entrevistas em mãos, notei que todas seguiam estruturas semelhantes. Além das informações que eu já havia destacado, como as de categoria de significado, tipo e aquisição, quatro outros conjuntos de informação estavam sempre presentes em todas os objetos.

Todas as entrevistas ligavam o objeto a outras pessoas, seja abertamente (citando um nome, parentesco ou grau de ligação) ou vagamente (como por meio de pronomes), quando não a si mesmo. Os objetos também sempre vinham situados no espaço e tempo. No espaço, por citação direta a lugares (como cidades e países) ou indiretamente (casa ou trabalho). Contextualiza-se no tempo por alusões a épocas, datas ou fases da vida. Por último, objetos sempre vinham atribuídos de qualidades, descrições e valores abstratos.

Ao analisar as transcrições das entrevistas, selecionei as palavras-chave correspondentes a esses quatro conjuntos, listadas em ordem alfabética.

PESSOAS

COMIGO • ELA • ELAS • ELES • EU • MEU • MINHA • NÓS • SOU

ESPAÇO

CASA • CIDADE • COMEÇO • FORA • FUTURO • HORA • INTERIOR •
LOJA • LUGAR • LÁ • PERTO • RUA

TEMPO

ANOS • ANTES • CONTEXTO • DEPOIS • ÉPOCA • FASE • FINAL • INFÂNCIA •
MOMENTO • NOITE • QUANDO • TEMPO

QUALIDADES, DESCRIÇÕES E VALORES ABSTRATOS

ACHADO • AFETO • ANONIMATO • APEGO • ATRAÇÃO • AUTOESTIMA •
COLABORATIVO • COLETIVO • COLEÇÃO • CONJUNTO • CONTATO • CONTEXTO •
COTIDIANO • CRIAÇÃO • DECADÊNCIA • DECORATIVO • DESAPONTAMENTO • DESCOBERTA •
ESCAPISMO • ESTILO • ESTRANHO • EXPERIÊNCIA • EXTENSÃO DO CORPO • FALTA •
FANTASIA • FETICHE • FORMA • FRAGMENTOS • HISTÓRIA • HUMOR • HÁBITO • INDIVIDUAL •
INOCÊNCIA • INSPIRAÇÃO • INSTANTÂNEO • INTERESSE • LEMBRANÇA • LIBERDADE • LIGAÇÃO •
MARCO • MATERIAL • MEMÓRIA • MUDANÇA • ORIGEM • PERDA • PERSONIFICAÇÃO •
POTENCIAL • PRECIOSO • PRESERVAÇÃO • RELAÇÃO • RENOVAÇÃO • REPRESENTAÇÃO •
RISCO • ROTINA • RUPTURA • SENSORIAL • SEPARAÇÃO • SINGULARIDADE • SORTE •
TERNURA • TRADIÇÃO • USO • VALOR • VIVÊNCIA

6.3 SOLUÇÕES GRÁFICAS

ESPECIFICAÇÕES

A dimensão do poster é de **48 x 63 cm**, formato adaptado do padrão de fábrica de 50 x 65 cm do papel escolhido, Canson Color Vivaldi 185g/m² na cor branca.

Havia trabalhado com as famílias tipográficas **Circular** e **Spinoza** desde o início da pesquisa, quando escolhi criar um convite virtual como chamada para entrevista.

A paleta de cores limitada, proposta já no convite, também foi mantida como identidade dos posters.

CIRCULAR BOOK
20 PT

Cada objeto que possuímos

CIRCULAR BOLD
20 PT

tem uma história, uma trajetória

CIRCULAR BLACK
24 PT / SMALL CAPS

E UM PAPEL EM NOSSAS VIDAS.

FIG 11. Circular Std, Lineto.

SPINOZA REGULAR
20 PT

Quero entender as relações

SPINOZA BOLD
20 PT

com os objetos especiais que nos rodeiam.

FIG 12. Spinoza Pro, FontFont.

PANTONE
PROCESS MAGENTA



PANTONE
17-5024 TCX
TEAL BLUE



PANTONE
PROCESS BLACK



FIG 13. Paleta de cores aproximada.

TÉCNICA

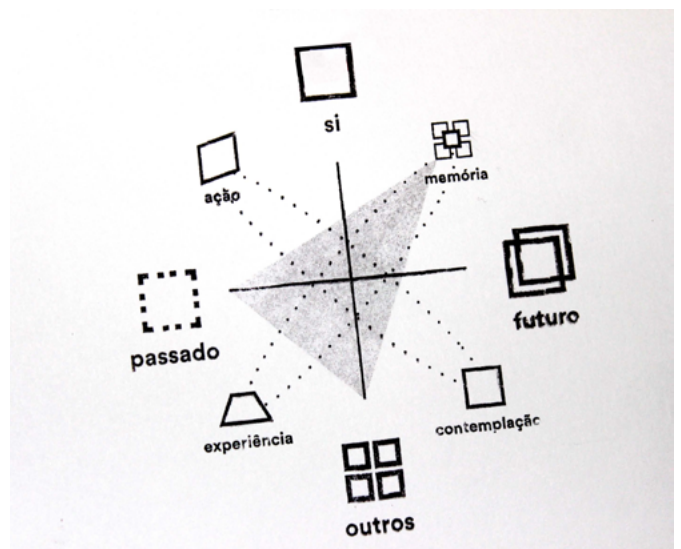
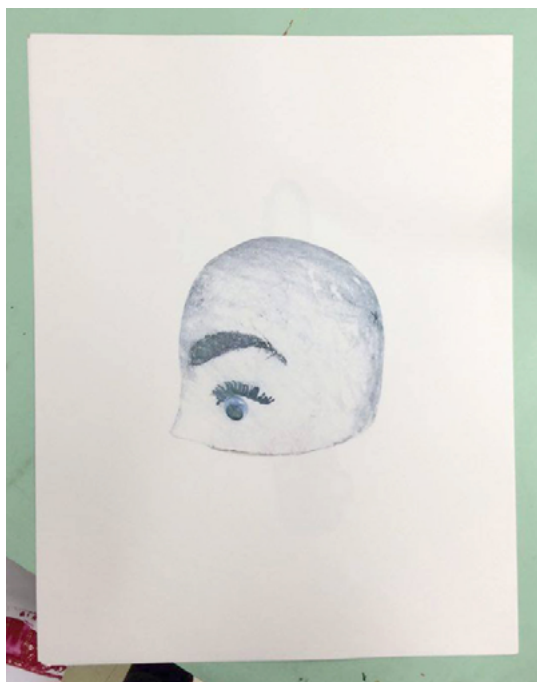
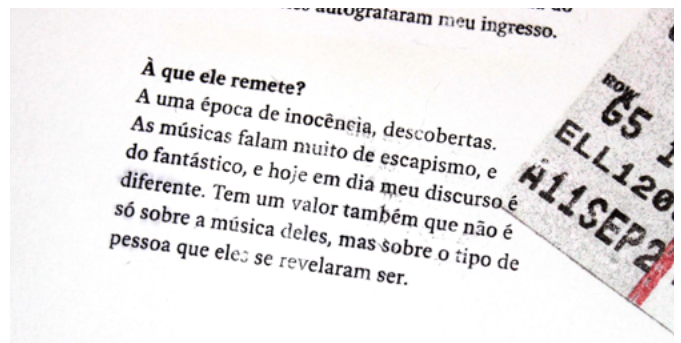
Optei por usar as fotografias dos objetos originais e nelas sobrepor trechos e as palavras-chave presentes em cada entrevista. Escolhi produzir os posters com processos manuais. Os processos que escolhi, além de ampliar algumas possibilidades técnicas como maior fidelidade de cores e criação de efeitos texturas, tinham muito a ver com o gestual e o experimental, aspectos que caracterizam minha pesquisa prévia.

Na primeira camada do poster, transferei as fotografias, trechos das entrevistas e o modelo de funções de posse preenchido para o Canson com thinner a partir de uma impressão a laser colorida em papel sulfite. Essa técnica de transferência confere às fotografias uma qualidade envelhecida e desgastada, que auxilia a construção da narrativa das obras.



FIG 14. Simulação da primeira camada

FIG 15. Primeiras experimentações com a técnica de transferência com thinner.



Para a segunda camada, impressa em serigrafia magenta, foi criada uma tela de serigrafia com todas as qualidades, descrições e valores abstratos retirados das entrevistas. Cada poster foi impresso individualmente mediante o recurso do apagamento, em que deixa-se descobertas determinadas palavras e cobre-se as excedentes, que não fazem parte da narrativa. Essa camada ainda trata do tipo de objeto em questão com o recurso gráfico remanescente dos questionários usados durante a pesquisa.



FIG 16. Simulação da segunda camada

FIG 17. Abaixo, segunda camada: fotolito; tela de serigrafia; preparação da tela para impressão.



Para a terceira camada, impressa em serigrafia verde, foi criada outra tela de serigrafia com os verbetes relativos a pessoas, espaço e tempo. Assim como a segunda camada, cada poster foi impresso individualmente, com as palavras pertencentes ao contexto do objeto.



FIG 18. Simulação da terceira camada

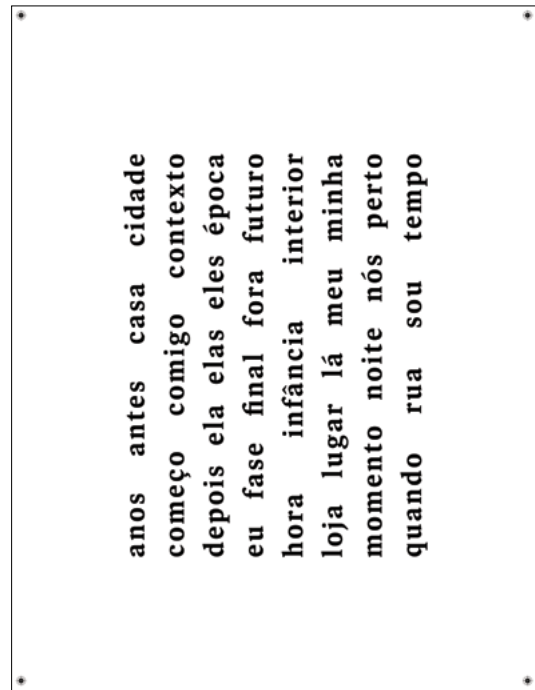


FIG 19. Fotolito da terceira camada

Alguns detalhes dos posters, como o nome e número dados no momento da entrevista foram feitos com etiquetas adesivas produzidos em rotuladora.



FIG 20. Etiqueta feita em rotuladora



FIG 21. Detalhe de um dos posters

FIG 23. Posters em exposição



7. CONCLUSÃO

Iniciei esse projeto com o objetivo de entender como as relações entre os indivíduos e os objetos de consumo se davam. Ao estabelecer essa premissa, que agora julgo bastante ambiciosa, não tinha ideia do que estaria por vir. As questões que deram início ao tema desse projeto só puderam ser elucidadas por meio de uma pesquisa extensiva por áreas do conhecimento bem distantes da minha experiência, o que tornou cada etapa do processo bastante desafiadora.

Foi extremamente interessante poder trabalhar com pessoas e ter o privilégio de ouvir cada história, entender seus contextos e perspectivas, segurar seus objetos mais especiais. Criar a partir do relato e das experiências de outros sempre foi algo totalmente fora da minha zona de conforto, entretanto, este projeto provou para mim mesma que, sem a ajuda e a colaboração de todas essas pessoas, seria impossível ter realizado um trabalho com a mesma relevância.

É muito gratificante ver que, ao trabalhar com memória coletiva, várias pessoas envolvidas com o projeto se viram representadas por meio dos objetos e das experiências relatadas. Espero ter feito jus a todas as histórias, mesmo aquelas que não pude incluir na produção final, mas que também contribuíram para este projeto.

Ao final deste projeto, tenho consciência de que as relações entre a humanidade e os objetos são fluidas, mutáveis, essenciais e nunca serão compreendidas em sua totalidade. Entretanto, entender o objeto e entender como nos organizamos em função dele é também entender a sociedade. A posse do objeto é recíproca, intrínseca à humanidade e atemporal, e refletir sobre como essas relações nos moldam é olhar pra dentro de nós mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Martins Fontes. São Paulo. Segunda edição, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Perspectiva. São Paulo. Quinta Edição, 2015.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Edições 70. Lisboa, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Illuminations: Essays and Reflections**. Schocken Books. Nova Iorque, 1969.

CALLE, Sophie. **Histórias Reais**. Agir. São Paulo, 2009.

CSIKSZENTMIHALY, Mihaly. HALTON, Eugene. **The Meaning of Things**. Cambridge University Press. Cambridge, 1981.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Contraponto. Rio de Janeiro, 2003.

Itaú Cultural. **O olhar atento de Nelson Leirner**. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/materiacontinuum/o-olhar-atento-de-nelson-leirner/> (última visita: 19/06/2016)

Jim Golden. **Collections**. Disponível em: <http://www.jimgoldenstudio.com/Portfolio/Collections/thumbs> (última visita: 19/06/2016)

Sannah Kvist. **All I Own**. Disponível em: <http://sannahkvist.se/projects/all-i-own/> (última visita: 19/06/2016)

MUNARI, Bruno. **Design as Art**. Penguin Books. Londres, 2008.

NORMAN, Donald. **Design Emocional**. Rocco. Rio de Janeiro, 2008.

NORMAN, Donald. **O design do dia-a-dia**. Rocco. Rio de Janeiro, 2008.

PAPANEK, Victor. **Design for the real world: Human Ecology and Social Change**. Chicago Review Press. Chicago. Segunda edição, 2005.

PETROSKI, Henry. **A evolução das coisas úteis**. Zahar. Rio de Janeiro, 2007.

Situationist International. **Situationist Manifesto: Psychogeography, Dérive, Work, leisure and play**. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/manifesto.html> (última visita: 19/06/2016)

SUDJIC, Deyan. **A Linguagem das Coisas**. Intrínseca. Rio de Janeiro, 2010.

THOMPSON, Michael. **Rubbish Theory: The creation and destruction of value**. Oxford University Press. Oxford, 1979.

ANEXOS

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Termo de confidencialidade

Universidade de Brasília

Projeto de Diplomação em Programação Visual

"A cultura do objeto" - Akemi Kanegusuku

Akemi Kanegusuku, pesquisadora do projeto "A cultura do objeto", assume o compromisso de:

I Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão estudados. O participante pode recusar-se a realizar qualquer atividade proposta ou abandonar a pesquisa a qualquer momento e sem ônus;

II Assegurar que as informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para a execução do projeto em questão. Todos os dados pessoais levantados serão sigilosos. Resultados poderão ser usados apenas em conjunto (como parte de estatísticas), nunca isolados;

III Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima. Nenhum objeto poderá ser identificado nos resultados da pesquisa, salvo se com autorização do participante ou com nomes alterados de maneira a preservar sua identidade.

Brasília, de de 2016.

Pesquisadora

Voluntário(a)

ANEXOS
QUESTIONÁRIO

Questionário

Aplicar pessoalmente (na ocasião da Entrevista ou via internet por *Typeform*).

I Dados pessoais

Idade

Gênero

II Hábitos de lazer

Quais das atividades abaixo você pratica? Em uma escala de 1-5, quão especiais são?
Com que frequência você as realiza?

Acessar a internet

Cozinhar

Fazer compras

Jogos

Assistir televisão

Ouvir música

Praticar atividade física

Ler

Frequentar festas e bares

Frequentar cinema/museu

Viajar

Outro (qual?)

III Hábitos não específicos

Você frequenta ou faz parte de algum grupo ou organização (associações étnicas, profissionais, recreativas, políticas, voluntariado, etc). Se sim, qual?

Você tem algum hobby? Se sim, fale um pouco sobre a atividade.

Você coleciona alguma coisa? Se sim, fale um pouco sobre a atividade.

ANEXOS

ENTREVISTA

Questionário de classificações de objeto

Aplicar para cada objeto, individualmente. No caso de coleções ou descrições abrangentes, considerar o conjunto. As informações aqui contidas são sigilosas e serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto "A cultura do objeto".

O que é especial sobre o objeto?

À que o objeto remete?

Onde o objeto é guardado ou mantido?

Em que circunstâncias o objeto foi adquirido?

O que significaria ser privado do objeto?

Objeto

--	--

- ☐ Eletrônico ou gadget
- ☐ Móvel
- ☐ Quadro (poster, pintura)
- ☐ Fotografia
- ☐ Livro
- ☐ Escultura ou ornamento
- ☐ Instrumento musical
- ☐ Planta
- ☐ Cerâmica
- ☐ Roupas
- ☐ Outros _____

Significado

Não-pessoal

I Passado

A Memória

- ☐ Memento (ñ esp.)
- ☐ Lembrança (esp.)
- ☐ Herança
- ☐ Souvenir
- ☐ Tempo

B Associações

- ☐ Étnica/Religiosa
- ☐ Coleção
- ☐ Presente

II Presente e Futuro

A Experiências

- ☐ Diversão
- ☐ Hábitos
- ☐ Catarse

B Qualidades intrínsecas

- ☐ Vínculo pessoal
- ☐ Singularidade
- ☐ Descrição física
- ☐ Estilo
- ☐ Utilidade

C Valores pessoais

- ☐ Materialização de ideais
- ☐ Conquistas e realizações
- ☐ Personificação

Pessoal

- ☐ Si
- ☐ Família
- ☐ Amigos
- ☐ Figuras públicas
- ☐ Outros _____

Aquisição

- ☐ Compra
- ☐ Presente
- ☐ Herança
- ☐ Feito
- ☐ Achado
- ☐ Prêmio
- ☐ Troca
- ☐ Outros _____

ANEXOS

ENTREVISTA

EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO RESPONDIDO

Questionário de classificações de objeto

Aplicar para cada objeto, individualmente. No caso de coleções ou descrições abrangentes, considerar o conjunto. As informações aqui contidas são sigilosas e serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto "A cultura do objeto".

Objeto

PERFUME Nº 4711	08
--------------------	----

O que é especial sobre o objeto?

*Ver Cheiro, ver a vó passando (infância).
Frase interessante.*

À que o objeto remete?

*tradição, "ensinamentos" (jóia, maquiagem,
"rituais femininos").*

Onde o objeto é guardado ou mantido?

junto com outros perfumes.

Em que circunstâncias o objeto foi adquirido?

Depois do falecimento.

O que significaria ser privado do objeto?

Comprar o novo como forma de preservar o original.

- ☐ Eletrônico ou gadget
- ☐ Móvel
- ☐ Quadro (poster, pintura)
- ☐ Fotografia
- ☐ Livro
- ☐ Escultura ou ornamento
- ☐ Instrumento musical
- ☐ Planta
- ☐ Cerâmica
- ☐ Roupas
- ☐ Outros _____

Significado

Não-pessoal

I Passado

A Memória

☐ Memento (ñ esp.)

☐ Lembrança (esp.)

☒ Herança

☐ Souvenir

☐ Tempo

B Associações

☒ Étnica/Religiosa

☐ Coleção

☐ Presente

II Presente e Futuro

→ A Experiências *Sensorial*

☐ Diversão

☐ Hábitos

☐ Catarse

B Qualidades intrínsecas

☒ Vínculo pessoal

☐ Singularidade

☐ Descrição física

☐ Estilo

☐ Utilidade

C Valores pessoais

☐ Materialização de ideais

☐ Conquistas e realizações

☐ Personificação

Pessoal

☐ Si

☒ Família *Avó*

☐ Amigos

☐ Figuras públicas

☐ Outros _____

Aquisição

☐ Compra

☐ Presente

☒ Herança

☐ Feito

☐ Achado

☐ Prêmio

☐ Troca

☐ Outros _____

ANEXOS

ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES E FOTOGRAFIAS DOS OBJETOS SELECIONADOS

1.SI - ÓCULOS

O que é especial sobre esse objeto?

Eu sempre usei óculos, desde criança, e toda vez que eu comprava uma armação nova, ou era porque minha mãe achou bonito, ou porque o preço estava bom, ou sei lá, pela moda — geralmente eram armações mais discretas, que disfarçavam o uso do óculos, era uma coisa mais discreta, acanhada. A estética desse foi uma mudança radical pras coisas que eu costumava usar.

Entendi; o que é especial nele é o estilo, e a ruptura que ele ajudou a provocar na época?

Não só isso, mas também a memória que ele carrega, porque eu tenho a impressão de que ele estava sempre em mim, junto comigo na melhor fase da minha vida — não sei bem se a melhor, mas uma das melhores — então muitas das experiências legais que eu vivenciei durante esses três anos foram vistas através dele, sabe, ele fez parte dos momentos. É como uma extensão do meu corpo.

Então ele remete às memórias que você teve com ele, além daquelas outras coisas?

Além das memórias, ele remete a mim mesmo, porque ele está relacionado a uma descoberta de uma melhora na autoestima, sabe, um tempo em que pude melhorá-la.

Me lembra de uma fase em que eu me sentia mais livre pra tomar decisões sobre meu corpo e me apresentar como eu sou.

Não uso mais esses óculos, usei ele durante três anos e precisava trocar o grau dele, e eu tenho esse negócio de ficar cansado de mim mesmo, fico procurando me renovar. Mas eu gosto muito dele, nenhum outro óculos me serviu tão bem, pretendo usar ele no futuro novamente, mas estou experimentando outro visual.

O que significaria ser privado dele?

Se eu fosse privado dele, ficaria triste. Tenho um apego por ele, além do valor material.

Troquei de óculos porque estava um pouco cansado do meu rosto, da minha aparência, e decidi usar outro por um tempinho. Ele tá um pouco surradinho, queria restaurá-lo se fosse possível. Acho que não perderia as lembranças, porque ele é uma lembrança em si.



ÓCULOS

ANEXOS

ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES E FOTOGRAFIAS DOS OBJETOS SELECIONADOS

2. OUTROS - ORNATIA

O que é especial sobre ela?

Ela é especial porque a encontrei com três amigos — a gente estava morando fora, juntos — aí encontramos ela e trouxemos pra casa. Acho que no começo ela não tinha olhos, nem boca ou sobrancelha. No começo ela era só uma coisa engraçada que a gente encontrou no chão. Colocamos em um lugar de destaque na sala, e como o passar do tempo a gente foi decorando ela. Olhos, boca, maquiagem, cílios postiços... Aliás, ela ganhou esses cílios em uma noite em que voltei pra casa de uma festa, tirei de mim e coloquei nela. Com o passar do tempo ela foi ficando decorada, no dia-a-dia.

Ela é uma criação colaborativa?

Ela é totalmente uma criação colaborativa! Ela tem esse nome por causa de um seriado, mas olha pra ela, é uma cabeça de isopor. Todo mundo achou engraçado. Aí no final, quando nos mudamos e cada um foi embora pra sua casa, a gente que partir ela em quatro, porque ela era de todos nós. Todo mundo tinha contribuído pra criá-la.

Ao que ela remete?

Ela remete a esse tempo que passamos fora, também à casa, ao contexto. Me lembra muito nós quatro: prometemos que quando nos encontrarmos de novo, vamos juntar as quatro partes, reconstituí-la. Sabe aqueles colares de *best friend* que você tem quando é criança?

Onde esse objeto é mantido?

Eu deixo ela em uma estante perto da minha cama. Também guardo nessa estante uns toys e outras coisas decorativas, ela fica lá como uma escultura.

Então ela foi achada e foi agregando valor com a contribuição de outras pessoas?

A gente encontrou várias coisas no lixo, mas no geral as coisas tinham uma utilidade própria. Encontrei uma mala, um pufe, cadernos, canetas, e nada dessas coisas era importante de fato. A gente ia decorando ela com as coisas que a gente usava; se saíssemos pra uma festa, voltávamos com algumas coisas, uns acessórios, chapéus, coisas que a gente achava na rua, e assim fomos decorando ela. Ela é nós quatro.

O que significaria ser privada dela?

Seria horrível, péssimo, porque ela — a gente tem várias outras coisas, temos fotos, coisas físicas — mas ela é uma coisa única, que só nós quatro no mundo temos e que forma uma coisa quando juntam todas as partes, então perder uma seria inutilizar todas as os outros pedaços, porque ela nunca seria completa de novo.



ORNATIA

ANEXOS

ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES E FOTOGRAFIAS DOS OBJETOS SELECIONADOS

3. PASSADO - TICKET

O que é especial sobre esse ticket?

Ele foi uma experiência durante o intercâmbio, uma mini aventura. Comprei o ingresso antes de viajar pra esse país e sabia que estaria tendo aula na hora do show, que era em outra cidade, então tive que inventar umas coisas pra faltar. No dia, eu também quase perdi o meu voo, porque me enrolei pra ir pro aeroporto.

É uma banda que eu gostava muito, fui fã durante muito tempo e era especial pra mim, é uma época que já passou...mas guardo a lembrança de um tempo da minha vida. Depois do show, esperei a banda do lado de fora, e eles autografaram meu ingresso.

À que ele remete?

A uma época de inocência, descobertas. As músicas falam muito de escapismo, e do fantástico, e hoje em dia estou tendendo a me focar mais no real, meu discurso hoje é diferente do que era na época. Tem um valor também que não é só sobre a música deles, mas sobre o tipo de pessoa que eles se revelaram ser.

Negativamente?

É, negativamente. Eles se mostraram ser pessoas machistas, escrotas — eu tento separar o artista da obra — mas as vezes é inevitável que as duas coisas se misturem. Muitas das músicas falam sobre eles mesmos, então isso reflete na obra.

De que forma isso afeta a relação que você tem com esse objeto?

Eu acho que ele tinha mais valor pra mim antes de descobrir esse outro lado deles. Com certeza tinha mais valor. Na minha antiga casa, ele ficava fixado na minha parede, em destaque, agora ele fica no fundo da minha gaveta.

Isso se relaciona com a pessoa que você era?

Sim, porque também mudei. Eu fui mudando durante esse tempo.

Onde ele é guardado agora?

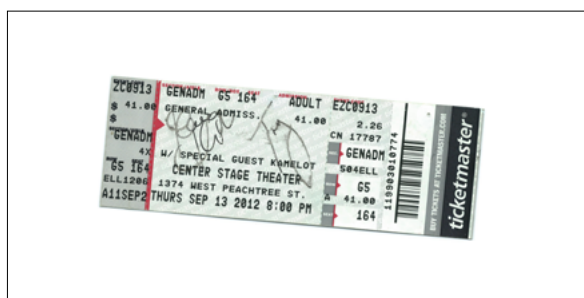
Ele estava guardado em um saco, com outros tickets e coisas desse tipo, no fundo de uma caixa.

O que significaria ser privado desse objeto?

Eu não gostaria de perdê-lo, mas não faria tanta diferença assim também.

Ele é a única lembrança física que te faz acessar essa memória específica?

Sim, quer dizer, a memória do tempo não, tenho CDs, fotos, mas desse show específico eu só tenho esse ingresso. E foi a partir daí que meu interesse começou a decair, a minha admiração pela banda. Eu acho que representou um marco.



TICKET

ANEXOS

ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES E FOTOGRAFIAS DOS OBJETOS SELECIONADOS

4.FUTURO - CHAVEIRO

Nessa coleção de chaveiros, todos são especiais individualmente?

Sim, todos têm uma história diferente e cada um representa uma memória. As vezes não é uma memória tão importante que me faça destacá-lo e tê-lo num lugar especial, mas é uma memória que eu gosto de ter por perto e constantemente me lembrar.

[Destaca-se um chaveiro em específico] Esse, por exemplo, comprei pra ser o chaveiro de quando eu tiver um Shelby.

-

[Sobre o objeto da imagem]

O que é especial sobre ele?

Duas coisas: eu gosto muito desse modelo de carro e é muito raro de ver um objeto baseado nesse modelo exato, sabe, é algo muito específico. Eu também ganhei ele de presente da minha irmã, e a gente nem sempre teve uma boa relação. Eu achei muito fofo da parte dela lembrar de mim e trazê-lo pra mim depois de uma viagem.

Então são duas coisas, uma pelo fato de ser a representação de algo que você aprecia, a outra por ter sido um presente da sua irmã.

Sim, é uma memória que eu gosto de ter por perto e constantemente me lembrar. Ele também é muito menor do que todos os outros carrinhos que eu já vi, é muito fofo.

À que esse objeto remete?

Que difícil...eu não sei, mas quando olho pra ele, sinto ternura. Ele é tão pequeno; sempre que olho pra ele, também lembro da minha irmã. Eu sou muito apaixonada por esse carro, não sei nem descrever a o que me remete especificamente. São coisas bem diferentes e que sinto ao mesmo tempo. Eu tenho uma coleção enorme de Mustangs em miniatura e esse é um dos meus preferidos.

Em que circunstâncias ele foi adquirido?

Minha irmã fez essa viagem com meu pai e irmão, e por algum motivo eu não pude ir. Ela então trouxe isso pra mim, faz bem uns dez anos.

O que você sentiria se fosse privada do objeto?

Eu ficaria muito triste, de verddde, como se eu tivesse perdido alguma coisa muito importante. Se fosse alguém me privando dele, ficaria muito chateada, não sei se perdoaria a pessoa. Ele é muito precioso.



CHAVEIRO

ANEXOS

ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES E FOTOGRAFIAS DOS OBJETOS SELECIONADOS

5.AÇÃO - ROUPA

O que é especial sobre ela?

Talvez o mais especial seja a forma que eu adquiri essa roupa. Foi durante o halloween de 2014. Ela é especial por ser estranha, e eu nunca tinha visto pra vender por aqui. Quando você veste essa roupa, você pode ser qualquer pessoa. Você se torna um anônimo — imagina uma pessoa vestida totalmente de pano no meio da rua. Isso é legal, mas que fique gravado que eu não tenho ela por nenhum tipo de fetiche.

Não é um fetiche sexual.

Pode até ser, mas no meu caso não é.

À que ela remete?

Ela já foi usada várias vezes, então ela está cheia de buracos, meio desgastada e tal, mas eu sempre lembro da noite de halloween. Eu e uns amigos fomos pra uma festa, e até ali tava tudo bem. Porém na volta, indo pro metrô, por algum motivo todo mundo sumiu. Ficamos eu e um amigo, totalmente zoados, encostados na parede. Sentamos e ficamos conversando, até começar a chover, mas continuamos debaixo da chuva sendo muito trouxas. Depois decidimos levantar e procurar as pessoas, e uma hora olhei pra baixo e a roupa já tava fora do meu corpo, totalmente no chão, presa só pela minha bota. Parecia uma sombra minha no chão, sendo arrastada. Eu tava pisando nela toda esse tempo, por isso que ela é estragada desse jeito. Na volta, acabamos pegando um taxi muito caro tentando voltar pra casa, porque nos perdemos das pessoas. Na verdade fomos muito trouxas, porque a gente tava do lado do metrô, só não conseguimos achar ele.

Ela remete a essa lembrança principal?

Eu olho pra ela e lembro dessa memória, mas ao mesmo tempo eu pretendo — não que eu tenha planos concretos — mas eu gostaria de usar ela pra fazer uns vídeos, ela é uma coisa muito estranha que pode ser usada para várias coisas ainda, ela não foi esgotada de seu propósito. Eu tenho alguns acessórios achados ou comprados que são bastante estranhos também, várias máscaras, perucas, etc e seria legal no futuro encher um cômodo ou ter um armário só de coisas estranhas. eu vejo humor no estranhamento

O que você faria se fosse privada desse objeto?

Seria palha. Eu tenho essa memória do halloween mas eu dificilmente iria esquecer dela. Ia ser difícil conseguir outro como esse, e eu acho que vejo mais esse objeto pelas coisas que eu ainda posso fazer com ele do que pelas coisas que eu já fiz. Às vezes, quando estou entediada em casa, fico tirando umas fotos engraçadas com ela.



ROUPA

ANEXOS

ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES E FOTOGRAFIAS DOS OBJETOS SELECIONADOS

6. CONTEMPLAÇÃO - POLAROIDS

O que é especial sobre esse objeto?

Eu gosto de todas juntas, nenhuma em especial. Cada uma foi tirada em uma hora diferente e são de vários lugares, mas eu lembro certinho do momento em que elas foram tiradas. Elas me lembram uma época muito feliz passada, eu tirava muitas dessas.

À que ele remete?

Nesse período e no contexto em que eu tava, via coisas mais interessantes, lugares, me sentia mais inspirada pra fazer minhas coisas e bem mais livre. Acho que gosto delas porque são memórias físicas, instantâneas, olhar pra elas me faz lembrar daquilo tudo de uma vez e a mesmo tempo, mas olhando pra cada uma individualmente, lembro do momento em que tirei elas.

O que você faria se fosse privada desse objeto?

Elas são muito diferentes de fotos que tirei no celular, porque são objetos e posso segurá-las. Não tem nenhuma igual no mundo, porque eu estava lá naquele exato momento lá e as fiz, então não teria como substituir por mais nada. Eu acho que ficaria muito triste, essas memórias iam se perder eventualmente, porque não são muito fortes, foram só momentos. Ao mesmo tempo que elas não significam tanto individualmente, o conjunto todo traz a atmosfera dessa época toda junta e as memórias ficam muito mais fortes.



POLAROIDS

ANEXOS

ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES E FOTOGRAFIAS DOS OBJETOS SELECIONADOS

7. EXPERIÊNCIA - PERFUME

O que é especial sobre esse objeto?

Bom, ele é um herança porque de fato minha avó faleceu, sei lá, ela é uma água de colônia da Alemanha, e ela é alemã...na verdade, essa avó era uma péssima avó e não tenho memórias boas dela, ela era muito escrota mesmo, mas assim, tem um momento em que você é criança e não sabe que a pessoa é escrota — ela é só sua avó — então você a ama, mesmo que ela fale ou faça coisas ruins.

À que ele remete?

Ela usava esse perfume e vivia tentando ensinar esses rituais de feminilidade, falava sobre jóias, maquiagens, perfumes, esse tipo de coisa. Não que isso seja uma coisa boa tradição. Ela vivia dizendo coisas como “quando eu morrer, vou te deixar meus anéis, minhas jóias, etc.”.

Umas coisas aconteceram e eu fiquei um tempo sem ir pra lá. Só voltei a frequentar a casa dela um tempo depois, mais velha, tudo já tava bem diferente.

Depois do falecimento dela, entrei na casa e perguntei se poderia ficar com esse perfume, porque lembrava de ver ela passando. Ela tinha muitos outros, mas esse era do dia-a-dia. Eu nem gosto muito dessa avó pra falar a verdade, mas é uma coisa.

Eu tenho várias coisas que ela mesmo me deu, que são de fato heranças, caixas de jóias e coisas assim, mas elas não me interessam muito. Ela me deixou porque eram caras, bonitas ou porque ela as valorizava.

O que você faria se fosse privada desse objeto?

Eu comprei um novo perfume desse, porque fiquei imaginando que em algum momento, o original iria se deteriorar muito, eu queria tê-lo da forma que ele costumava ser. Comprei o novo como forma de preservar o antigo. Quando eu era pequena, sempre achei o frasco muito interessante, eu achava que era alguma coisa da realeza, essas detalhes e números, floreios, achava incrível, mas o cheiro também é importante.



PERFUME

ANEXOS

ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES E FOTOGRAFIAS DOS OBJETOS SELECIONADOS

8. MEMÓRIA - ESCULTURA DE GARÇA

O que é especial sobre esse objeto?

É especial porque eu estava tentando decorar o nosso primeiro apartamento, no Rio de Janeiro. Isso faz quase uns trinta anos, meu filho ainda era bebê. Era um tipo de objeto que estava em muito uso como decoração, na moda; eu tinha muitas amigas mineiras que traziam esse tipo de coisa. eu gosto desse estilo, todo em bronze.

À que ele remete?

Eu gosto da temática da natureza, remete à minha infância no interior. Sempre tive contato com a natureza e com os animais. É minha forma de me reconectar com as minhas origens.

Esse objeto fazia parte de um conjunto. Na vitrine da loja, ela tinha um par, apesar de serem vendidos separadamente. Era muito caro levar os dois de uma vez, então comprei um só, pensando em comprar o outro mais tarde. Depois, voltei à loja e o par já havia sido vendido.

O que você faria se fosse privada desse objeto?

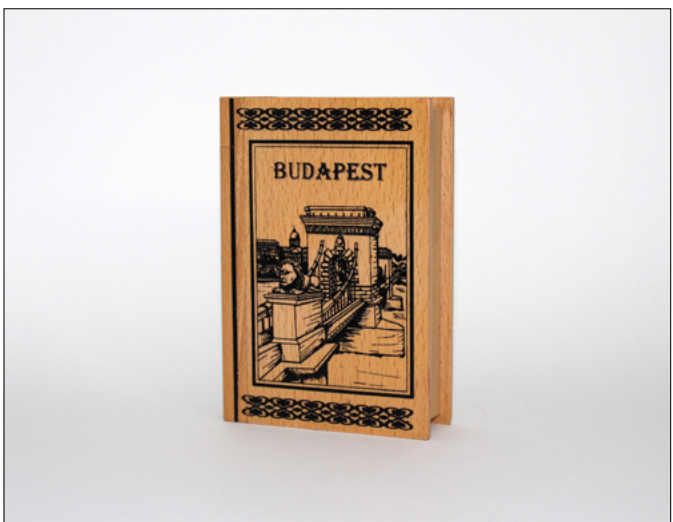
Bom, eu acho que ele dificilmente quebraria ou algo do tipo...mas ele em si já me lembra perda — a principal lembrança que tenho dele é da falta do outro. Hoje eu acho engraçada a situação, mas na volta lembro de ter ficado muito chateada. Queria encontrar um parecido, mas ele não tem origem, fabricante, eu gostaria mesmo de completar o par.



ESCULTURA DE GARÇA

ANEXOS

FOTOGRAFIAS NÃO SELECIONADAS



ANEXOS

FOTOGRAFIAS NÃO SELECIONADAS

